

REPORTAGEM ESPECIAL

Florestas têm papel estratégico na geração de renda e sustentabilidade do agro

Ana Esteves

Especial para o JC

Não são apenas os 12,1 milhões de hectares de vegetação nativa do Estado que têm papel estratégico para o meio ambiente e para a sustentabilidade da agropecuária no Rio Grande do Sul. As florestas comerciais também entram nesse escopo e contribuem para a conservação da biodiversidade, proteção dos recursos hídricos e armazenamento de carbono, além de ajudarem a reduzir impactos de eventos climáticos extremos.

“As florestas plantadas também ganham importância no enfrentamento das mudanças climáticas, especialmente em sistemas integrados de lavoura, pecuária e floresta, capazes de neutralizar emissões da pecuária e ampliar a renda no campo”, afirma o pesquisador da Embrapa Pecuária Sul, Hélio Tonini.

Empresas & Negócios - De que forma as florestas plantadas contribuem para a mitigação das mudanças climáticas e para o sequestro de carbono?

Hélio Tonini - As florestas desempenham um papel fundamental na mitigação das mudanças climáticas especialmente no que diz respeito à remoção de gases de efeito estufa (GEE) da atmosfera ao sequestrar e armazenar carbono. Neste aspecto as florestas plantadas devido ao rápido

crescimento e alta produtividade são muito eficientes. Estudos realizados por diferentes unidades da Embrapa têm demonstrado que a inserção de árvores em pastagens em sistemas silvipastoris tem grande potencial para neutralizar as emissões do rebanho bovino, o que é muito importante para o Brasil, um dos maiores exportadores mundiais de proteína animal, com um rebanho estimado em 238 milhões de cabeças. Portanto, aumentar a área com plantios florestais, especialmente em sistemas silvipastoris, tem grande potencial para mitigar emissões de gases de efeito estufa e abrir novos mercados para o País em um mundo com consumidores cada vez mais exigentes em relação a sustentabilidade ambiental e ao bem-estar animal.

E&N - O senhor acredita que as florestas comerciais podem se tornar uma das principais alternativas de diversificação de renda para a agricultura familiar?

Tonini - Sim, é uma tendência e a maior oportunidade está nos sistemas integrados, já que as árvores podem ser incorporadas na pecuária de corte, de leite e nas lavouras, ou seja, a floresta deixa de competir e passa a complementar a produção agropecuária. Por exemplo, a introdução de árvores em campos nativos do Pampa pode ser feita sem a sua substituição, desde que as árvores estejam em arranjo e espaçamento adequados. Pode-se manter a

pecuária com boa produtividade, durante todo o ciclo do componente florestal, agregando serviços ambientais propiciados pelas árvores como o bem-estar animal. Isso é uma vantagem que ainda não foi percebida pelos produtores e nem pelo setor florestal.

E&N - Qual é o perfil dessas propriedades familiares que trabalham com silvicultura no Rio Grande do Sul?

Tonini - No Rio Grande do Sul, a maior parte das florestas plantadas se distribui entre as empresas florestais, produtores rurais fomentados por algum segmento industrial e propriedades com integração agropecuária. As pequenas propriedades familiares localizadas na Serra, Centro-Norte, Vale do Taquari e Alto Uruguai se caracterizam por plantios em pequena escala de eucalipto, erva-mate e pinus (predominante na Serra e Nordeste). Nas médias propriedades rurais, predominantes na Campanha, na Depressão Central e na Metade Sul, são mais comuns os plantios de eucalipto e acácia, frequentemente vinculados a programas de fomento da indústria. Já as grandes propriedades, também concentradas nessas regiões, costumam manter extensas áreas contínuas destinadas à produção de celulose, carvão vegetal e madeira sólida.

E&N - Qual é a participação da agricultura familiar na cadeia florestal gaúcha atualmente?

Tonini - A agricultura familiar

possui uma forte participação no cultivo de acácia e erva-mate e no fornecimento de lenha e madeira para uso regional em pequenas serrarias. Cultivos tradicionalmente associados à agricultura familiar como o do tabaco, plantados por aproximadamente 68 mil famílias, utilizam pequenas florestas de eucalipto como fonte energética estratégica para a secagem. A erva-mate é cultivada por cerca de 14 mil produtores familiares e a acácia-negra por cerca de 40 mil famílias.

E&N - Quais espécies florestais são mais utilizadas por pequenos produtores no Sul do Brasil e por quê?

Tonini - No Rio Grande do Sul, as principais são o eucalipto, várias espécies e materiais genéticos, com 617 mil hectares, o pinus, predominantemente pinus taeda e pinus elliottii, com 287 mil hectares, a acácia-negra com 67 mil hectares, e a erva-mate, com 34 mil hectares.

E&N - A integração entre agricultura, pecuária e floresta tem avançado no País? Quais benefícios esse modelo oferece ao produtor?

Tonini - Estima-se que estão em entre 17 e 18 milhões de hectares, o que representa um aumento de oito vezes em área plantada, nos últimos 15 anos. No Rio Grande do Sul, são 2 milhões de hectares. A predominância é de sistemas de integração lavoura-pecuária (90%),

GABRIEL AQUERE/DIVULGAÇÃO/JC



Tonini destaca papel da silvicultura frente às mudanças climáticas

porém, os sistemas com árvores vêm crescendo rapidamente no Brasil com uma expansão acumulada de 80% nos últimos dois anos, principalmente na região Centro-Oeste. Os benefícios para o produtor são vários, mas podemos enfatizar a diversificação de renda, redução de risco econômico, maior resiliência climática e melhoria do bem-estar e conforto térmico animal na presença de árvores nos sistemas.

Investimentos iniciais relativamente elevados estão entre os principais gargalos

Apesar das perspectivas positivas, o setor ainda enfrenta desafios importantes. Um dos principais gargalos apontados é a necessidade de investimentos iniciais relativamente elevados para uma atividade de retorno de médio e longo prazo.

Embora existam linhas de financiamento, especialmente por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), produtores ainda enfrentam dificuldades relacionadas ao acesso ao crédito, à oscilação do preço da madeira e aos custos de colheita e transporte. A logística é considerada um dos principais entraves para pequenos produtores, especialmente em regiões onde há pouca estrutura industrial ou grande distância dos centros consumidores.

“O transporte da madeira e as operações de colheita exigem equipamentos especializados e podem comprometer parte da rentabilidade”, explica o coordenador estadual das áreas de silvicultura e sistemas agroflorestais da Emater/RS-Ascar, Antônio Carlos Leite de Borba. Outro desafio está na escala de produção, pois pequenos volumes individuais dificultam a negociação direta com grandes compradores, o que reforça a necessidade de fortalecimento de cooperativas, associações e arranjos produtivos locais.

“Hoje, a cadeia produtiva da madeira no Estado funciona de forma descentralizada. Parte significativa da produção familiar é absorvida localmente, seja por propriedades vizinhas, pequenas serrarias, agroindústrias ou pela

demanda ligada à armazenagem de grãos e à pecuária”. Em volumes maiores, a madeira segue para polos regionais e indústrias ligadas à produção de energia, serrarias e celulose. Ainda assim, o setor avalia que a cadeia precisa avançar em organização, infraestrutura e integração dos pequenos produtores.

A expansão da silvicultura também vem acompanhada de debates sobre sustentabilidade e conservação ambiental. Segundo a Emater, a atividade pode ser conciliada com a preservação dos recursos naturais desde que o plantio siga critérios técnicos e respeite a legislação ambiental. As orientações incluem implantação das florestas fora de Áreas de Preservação Permanente (APPs), manutenção da vegeta-

ção nativa em nascentes e margens de rios, planejamento adequado do uso da terra e adoção de práticas de conservação do solo e da água. Entre as medidas recomendadas estão o plantio em áreas degradadas, manutenção da cobertura vegetal, redução da compactação do solo e planejamento das estradas internas e operações mecanizadas.

A instituição também destaca que a silvicultura pode contribuir para proteção ambiental ao aumentar a infiltração e armazenamento de água no solo, reduzir erosão e auxiliar na mitigação de eventos climáticos extremos. “Além das espécies exóticas de rápido crescimento, como eucalipto e pinus, cresce o incentivo ao plantio de espécies nativas, especialmente em projetos de

recuperação ambiental, sistemas agroflorestais e silvipastoris”, completa Borba.

Segundo o extensionista rural Sérgio Morgensten, do Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar de Novo Barreiro, no Norte do Estado, o sistema de integração florestas-pecuária por meio de florestas comerciais também contribui para o bem-estar animal. “É uma alternativa para o produtor trabalhar com sombreamento para o gado de leite e de corte. Além disso, representa uma importante fonte de geração de renda”, explica. Morgensten destaca que o pinus, por exemplo, possui múltiplas finalidades, podendo ser utilizado na produção de móveis, pallets, caixas, palanques e até como fonte de energia e combustível.